

O Canto das Duas Margens - Do Reino de Ketu às margens de Luanda: a África que o samba herdou

Muito antes de o Atlântico ser conhecido como caminho de dor, suas águas refletiam o esplendor de grandes civilizações africanas. Nas terras onde o sol desperta primeiro, erguiam-se reinos de reis e rainhas, de sábios e sacerdotes, de artistas, ferreiros, agricultores e griôs. Ali, a vida pulsava ao som dos tambores, enquanto a espiritualidade se confundia com a própria natureza.

Entre essas joias do continente florescia Ketu, reino iorubá onde os orixás inspiravam a organização da vida, da justiça e da cultura. Mais ao sul, Luanda despontava como importante centro da África Centro-Occidental, cercada pelos povos bantos, cuja sabedoria reverenciava os inquices, a força dos ancestrais e a harmonia entre o homem e a terra.

Cada uma dessas margens guardava sua própria história. Cada povo possuía sua língua, seus cantos, seus deuses, seus ritmos e seus costumes. Eram muitas Áfricas, diversas em suas tradições, mas unidas pelo profundo respeito à ancestralidade e à coletividade.

Então o oceano mudou de significado.

As mesmas águas que antes ligavam povos tornaram-se cenário da mais cruel travessia da humanidade. Homens, mulheres e crianças foram arrancados de suas terras, mas aquilo que habitava suas almas jamais pôde ser aprisionado. Nos porões dos navios viajaram também as memórias, os toques dos tambores, as rezas, as sementes, as folhas sagradas, as palavras, os gestos e a esperança.

O Atlântico tornou-se uma ponte invisível entre duas margens.

Em solo brasileiro, a dor transformou-se em resistência. A ancestralidade encontrou abrigo nos quilombos, nas irmandades, nos terreiros, nas festas populares e nos encontros comunitários. A herança dos povos bantos permaneceu viva nas rodas, nos tambores, na capoeira, no jongo e em tantas manifestações culturais. A tradição iorubá preservou a liturgia dos orixás, os cantos, os idiomas sagrados e a filosofia que atravessou séculos sem perder sua essência.

Longe de se anularem, essas heranças se reconheceram.

Misturaram-se sem perder suas raízes. Dialogaram sem apagar suas diferenças. Cada povo acrescentou um novo compasso à construção da identidade afro-brasileira.

Foi desse encontro que nasceu uma das mais belas expressões culturais do mundo.

No terreiro, o tambor tornou-se oração.

Na roda, o corpo transformou-se em memória.

Na avenida, o samba fez do desfile um grande altar da ancestralidade.

Quando a bateria ecoa, não ressoa apenas um ritmo. Ecoam séculos de resistência.
Quando o pavilhão tremula, não representa apenas uma escola. Abraça um legado
construído por incontáveis mãos africanas que fizeram do Brasil um território de reinvenção
cultural.

Hoje, o samba canta por aqueles que nunca deixaram de cantar.

Das coroas de Ketu aos tambores de Luanda; das aldeias africanas aos terreiros brasileiros;
das águas que separaram continentes ao povo que uniu destinos.

Porque o oceano nunca conseguiu dividir aquilo que a memória soube eternizar.

Entre uma margem e outra, nasceu uma identidade.

Entre uma margem e outra, renasceu uma cultura.

Entre uma margem e outra... o samba encontrou sua voz.